



## CIRANDA DO NÃO-LUGAR

Luciana Soares de Medeiros\*

Um vento gelado percorre a espinha. Corra! É o que escuto no mais interno da alma. Apresso o passo para não ser encontrada. Não sei do que fujo. Só sinto que preciso sair, preciso correr, preciso fugir, preciso escapar. O passo acelera, o peito se encolhe, o ar rareia e a vista turva. E por cima de tudo há um coração gritando alto e mais alto e aos pulos um pedido de socorro de um silêncio ensurdecedor. Tudo em mim é tremor e suor. Não sei mais onde estou, o que sinto, quem sou. Apenas existo. E existo em dor.

5 da manhã. Toca o relógio, avisando que é mais um dia chegando sem cerimônia. Me sinto removida debaixo de um rolo compressor. Tudo dói nessa carcaça, nem parece que dormi. Sinto os lençóis molhados, revirados tal qual minhas memórias. Nem os olhos abri ainda, mas já me sinto invadida por sons, cheiros, e toda uma gama de informações que me dizem: *Ande logo, nada aqui vai parar para te esperar resolver viver!* O toque insistente me atira na vida e me retira de um lugar que toda noite me persegue sem pena. Sonho sonhos intranquilos, daqueles que remexem as entranhas de um jeito esquisito e te fazem acordar questionando os motivos de estar vivo, sabe? A cada dia ficam mais intensos, se somam, se continuam, me atravessando sem pedir permissão de contato. Me tirando a pouca paz que um dia imaginei sentir... Abro os olhos devagar e a luz encontra minha retina de maneira tão abusiva que preciso me virar. Mas não há tempo para me ancorar em confortos efêmeros. A vida lá fora clama por corpos úteis para preencher seus espaços vazios. Meu lugar nessa ciranda me aguarda, sem afeto, sem calor, sem contato, sem depois. Apenas um espaço

temporário a ocupar enquanto produzo algo que sequer sei qual serventia possui. Chega de devaneios, a hora avança. 5:15, o relógio apita novamente, gritando: *Levanta! Vai se atrasar novamente, infeliz!* Esfrego o rosto com as mãos dormentes, sinto tudo doer, as costas molhadas do lençol úmido, o peito apertado como se tivesse acabado uma corrida de rua. Vamos, mais um dia arrastando os ossos pelo mundo. Deixa ver o que o hoje me reserva. Por fim, me levanto.

Enquanto a vista se adapta ao excesso de luz da manhã que invade minhas janelas quarto adentro, o corpo sente o calor infernal da cidade em mais um verão interminável e insuportável de quente. Me arrasto para o banho com a bateria existencial no mínimo, me visto com pressa, resmungo alguma reclamação aleatória e ao buscar com os olhos a bolsa para sair de casa, sinto um gelado no pescoço. Alguém assoprou minha orelha? A janela está aberta? Que diabo de vento foi esse? Olho em volta, tudo fechado, não há nada nem ninguém além de mim e meu reflexo espantado diante do espelho embaçado pelo calor da água quente do banho. Me olho de relance sem me fixar. Sinto o arrepiamento descendo a espinha. Em segundos é como se tivesse sido transportada mais uma vez para aquele lugar do sonho da noite passada. Uma angústia estranha percorre meu peito e parece que ali se instala. O desejo de correr é contido pelas pernas que parecem aterradas no chão de taco daquele apartamento velho no centro da cidade. Não consigo escapar. Sinto os pelos arrepiarem do pescoço ao quadril, passando pelos braços, e parando no cóccix. O suor desce costas abaixo e percebo uma gota gorda e

---

\* Antropólogo. E-mail para contato: [jv.ufsc@gmail.com](mailto:jv.ufsc@gmail.com).

salgada despencar do meu olho esquerdo, como se pedisse socorro e buscasse fugir de dentro de mim. A cabeça começa a revirar, tudo gira, tudo parece se mover, e rodar, rodar, rodar, e encolher e expandir em um ritmo cada vez mais intenso, agitado, raivoso, frenético, até que algo toca meu rosto e bem perto do ouvido sussurra docemente: *Não tema! Eu sou parte de ti.* Sinto um intenso cheiro de rosas invadir minhas narinas e se entranhar nos lençóis e cortinas, se embrenhando por todo o quarto. O corpo cambaleia, tonteia, tonteia, até cair no chão feito fruta da época despencando do pé quando madura. A luz vai rareando diante da retina e sinto tudo amolecer.

5 da manhã. Toca o relógio, avisando que é mais um dia chegando sem cerimônia. Acordo sentindo um cansaço sem fim, como se tivesse vivido outra vida num sonho estranho, aflitivo, esquisito. Abro os olhos e sinto um gelado no rosto, vejo os sapatos diante do nariz, e percebo que estou no chão frio do quarto, janelas abertas, vento correndo balançando as cortinas. Caí da cama? O que será que houve essa noite? De novo esses pesadelos esquisitos? Acho que vou precisar de medicação... Me arrumo para sair para o trabalho e seguir a vida, com a costumeira sensação de não pertencer àquele lugar, não entender as pessoas, não me vincular aos espaços. Os dias têm se repetido sem muita animação, apenas uma incessante repetição de hábitos, rotinas, afazeres. E esses sonhos esquisitos. Cumpro à risca as normas, sigo as regras, preencho todos os campos possíveis dos formulários da boa existência. E continuo me sentindo sem chão. É estranho viver no entre, esse eterno não-lugar, que apesar de tudo é seguro e morno, onde consigo seguir enquanto não me encontro. Pego a chave e me viro para a porta. No chão, logo na entrada, vejo um papel dobrado com algo escrito em letra de mão. A cabeça gira, o coração acelera apressado querendo subir garganta acima, o corpo amolece. Um vento gelado percorre a espinha e a vista turva: *Não fuja de nós. Te encontro nos sonhos.*